

Os fogos de Narciso – uma história acesa pelas brasas de Santa Maria¹

Gabriel Couto DÍAZ²

Janine Marques Passini LUCHT³

Joseane RÜCKER⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing, Porto Alegre, RS

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido para elucidar e justificar a construção da crônica “Os fogos de Narciso – uma história acesa pelas brasas de Santa Maria.” O texto foi escrito em fevereiro de 2013, logo após o histórico incêndio na boate *Kiss*, ocorrido no Rio Grande do Sul. O escopo, no entanto, desvia-se do acidente, das investigações e das vítimas para se debruçar sobre um fenômeno observado na reação da população comunicada nas redes sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Santa Maria; jornalismo; literário; opinativo; crônica.

1 INTRODUÇÃO

A crônica sobre a qual trata este artigo foi escrita em fevereiro de 2013, poucos dias após o incêndio ocorrido na boate *Kiss*, em Santa Maria (RS). A tragédia, que já completou um ano, mobilizou todo o país e, por semanas, foi prioridade na agenda midiática. Por se tratar de um acontecimento cujo valor-notícia principal – dentre os vários que possui, como o de ser inesperado, ter amplitude inquestionável, significância e frequência convenientes – é a negatividade, que pode ser resumido pelo clássico epigrama jornalístico “*bad news is good news*”, sua repercussão foi vorazmente manifestada não só nos meios de comunicação clássicos, mas também nas redes sociais, de modo informal.

Não é raro que situações mais dramáticas como essa despertem maior mobilização e tenham um alto poder de agendamento da sociedade; contudo, pelo menos para o autor da crônica, houve um fenômeno inaudito. Observou-se que as declarações, de maneira geral, com um forte apelo emotivo, em apoio às vítimas, ganhavam imensa aprovação e exaltação nas redes sociais (em especial, no *Facebook*), isto é, as postagens com essas características eram ovacionadas e recebiam mais notoriedade, porquanto fossem mais comentadas ou

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade JO 13 Produção Jornalismo Literário e/ou de Opinião.

² Aluno líder do grupo e estudante do 2º. Semestre do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: gabocouto@hotmail.com.

³ Orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: janine@espm.br.

⁴ Co-orientadora do trabalho. Professora Doutora do Curso Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo, email: joseanerucker@gmail.com.

sinalizadas como interessantes. O resultado foi, em poucas horas, no dia seguinte à tragédia, uma quantidade torrencial de pequenos textos circulando na rede, bastante similares, que expunham, em geral, lamento e indignação com grande carga de apelo emocional. Assim, quis-se, a pospelo, debruçar a curiosidade jornalística não sobre as vicissitudes do evento em si, como crime e catástrofe, o que já estava sendo feito exaustivamente, mas sobre o comportamento que ele suscitara no público. “O quanto toda essa mobilização é destinada ao apoio às vítimas e familiares – admitindo que esses pudessem ler as manifestações postadas nos perfis particulares de internautas diversos – e o quanto ela serve para que cada um transmita à sua rede de amigos e conhecidos uma imagem pessoal condolente e benfazeja?” – à medida que as horas posteriores ao incêndio passavam, a pergunta soava mais oportuna. A inspiração para que a crônica fosse escrita, portanto, não se origina no fato, na pauta projetada pelos veículos, mas na sua repercussão, utilizando-se da modesta liberdade literária concedida a esse gênero jornalístico para, além de pautar, aproximar o leitor do acontecimento de forma ainda mais abrangente do que o normal.

Este texto, logo, por seu perfil transcendente ao pragmatismo dos tópicos do lide, em que há opinião, interpretação e auxílio criativo da narração, encaixa-se em um trabalho de jornalismo literário, seja em sua visão como corrente estilística ou como gênero – sobre o que será dito adiante. Tanto os gêneros quanto o trabalho de criação e desenvolvimento de personagens foram temas trabalhados na disciplina de Linguagem, ministrada pela professora Joseane Rücker.

2 OBJETIVO

Podemos, dentre os doze valores-notícia destacados por Galtung e Ruge, segundo o autor Nelson Traquina (2008), assinalar os valores concernentes à frequência, amplitude do evento, significância, continuidade, negatividade, referência a pessoas da elite e ao inesperado. Em outras palavras, quer-se dizer que o incêndio em Santa Maria era passível de ser repercutido por ter acontecido num intervalo de tempo hábil para a veiculação rápida; ser capaz de abranger a realidade e os interesses de muitos segmentos da sociedade; estar ligado ao contexto cultural e, possivelmente, até pessoal do público; proporcionar mais chances de notícia, isto é, uma cobertura prolongada do evento; ser trágico; envolver a classe média e a elite, que desempenham um papel hegemônico na interação com os meios; ser incomum. Trata-se, portanto, de um acontecimento cuja relevância para os veículos de comunicação é máxima.

Não por acaso, a capacidade de agendamento – citado e explicado por Morales, Souza e Rocha (2013) como o poder que os meios têm de sugerir sobre o que se comente e o que se pense sobre isso, na sociedade – desse fato é altíssima. Isso foi contemplado pelo autor da crônica, empiricamente, nas redes sociais. Todavia, a repercussão causada não se apresentou da mesma maneira como se via nos casos comuns de agendamento, uma vez que, aparentemente, a cobertura da tragédia não estava sendo utilizada apenas como assunto para desenvolver conversas a respeito do estupro, dos desenlaces e dos mistérios do fato, pois havia também uma espécie de autopromoção tácita nas declarações emotivas dos internautas, porquanto elas denotassem sensibilidade, solidariedade, compaixão, magnanimidade e senso de humanismo. É, decerto, uma manifestação que faz jus ao *zeitgeist* vivido hoje, cujo um dos principais teóricos, Zygmunt Bauman, no âmbito da filosofia e da sociologia, esmiuçou com maestria em sua obra:

Não se trata apenas de os “estudos de identidade” estarem se tornando uma indústria florescente por direito próprio; mais do que isso, podemos dizer que a identidade agora se tornou um prisma através do qual outros aspectos da vida contemporânea são localizados, agarrados e examinados. (BAUMAN, 2008, p. 178)

É especificamente essa ideia comentada pelo pensador a responsável por ter despertado a curiosidade e, por conseguinte, a motivação para a composição da crônica. Toda a forma e o teor da mobilização do público nos ambientes de sociabilidade virtual pareciam estar enviesados para a construção ou reafirmação da identidade pessoal, e menos para o que, de fato, seu conteúdo comunicava. A população, de acordo com essa interpretação, cooptou um fenômeno que a põe como massa interlocutora – o agendamento – para transmutar-se em um conjunto de individualidades que se expressam e se legitimam perante seu círculo social por meio do elo coletivo associado à solidariedade. Isto é, os internautas suplantaram a massificação de suas vozes, contudo, sem enriquecer a discussão com a subversão pelo particular.

Foi, logo, para relatar ou, já que se trata de um gênero opinativo, delatar esse sintoma na ação do público que se fez o texto. Acredita-se que traçar críticas sociais seja também papel do jornalista uma vez que a máxima de Clóvis Rossi seja adotada como norteadora para o desempenho da profissão: “O dever fundamental do jornalista não é para com o seu empregador, mas para a sociedade” (ROSSI, 1980). Em prol da sociedade, portanto, deve-se criticá-la quando algum valor essencial para a boa convivência e respeito, como o zelo pela dignidade humana, for menosprezado. Ao que tudo indica, se se nota uma

catástrofe sendo utilizada como oportunidade para aflorar uma alarmante compulsão pela externalização das próprias idiossincrasias, por motivos de autopromoção, é preciso apontar essa ocorrência, extraí-la da implicitação ou inconsciência para pô-la às claras, diante de todos os agentes sociais envolvidos. É uma atitude necessária e passível de ser adotada por praticamente qualquer profissional que atue nas Ciências Humanas e se comprometa a refletir e promover reflexão sobre seu objeto. Aos antropólogos, o fenômeno serve como matéria-prima para uma netnografia; aos psicólogos, para um experimento; aos sociólogos, para uma tese; aos jornalistas, para uma reportagem, documentário ou – como se fez neste caso – para uma crônica.

3 JUSTIFICATIVA

Os gêneros opinativos, bem como a vertente do jornalismo literário, constituem o formato jornalístico mais associado à expressão livre, porquanto seus grilhões técnicos e estruturais sejam bem mais suaves que os da notícia pura e objetiva – ainda que a objetividade seja contestada. Esse luxo concedido à crônica e outros gêneros, aliado ao estilo, permite e convida o público a ultrapassar a ciência do fato em direção ao filosofar sobre o fato, uma vez que as digressões do jornalista são expostas, provocando uma interlocução com as digressões do leitor e com sua interpretação, e – caso não existam – forçando-lhes o surgimento. O excerto seguinte reproduz de forma clara essa ideia:

Mino Carta, diretor da redação da Carta Capital, acredita que jornalismo objetivo não existe, pois sua prática é “sempre necessariamente subjetiva”, cabendo ao repórter esclarecer que o que está sendo narrado é apenas sua versão dos fatos. Zuenir Ventura, colunista de O Globo, aponta que o “chamado jornalismo opinativo tem com o leitor um pacto que é mais sincero, não tem a hipocrisia de fingir ser objetivo, isento, neutro”. O próprio Chaparro afirma que a dissociação entre opinião e informação é uma “fraude teórica e moralista” (TODO JORNALISMO..., 2006, on-line apud MELO, José Marques de; ASSIS, Francisco de, 2010, p. 95)

Sem dúvida, o jornalismo à maneira anglo-americana é necessário e presta um serviço do qual a modernidade não pode mais abrir mão, oferecendo o que mais se aproxima do fato, de forma clara e ágil. Um de seus principais traços, “(...) a predominância do discurso da objetividade, construída em torno de uma desejada reconstituição dos fatos, separando informação e comentário.” (NEVEU, Érik, 2001, p. 23), é essencial para o racionalismo e pragmatismo que orientam a vida cotidiana do homem moderno, portanto, não se contesta aqui sua função e sua capacidade de agilizar as relações e decisões

profissionais e sociais. Todavia, considera-se que um jornalismo pouco híbrido, no sentido de reunir as forças do modelo anglo-americano às do francês, corre o risco de tornar o veículo ou enfadonho, por seu automatismo factual e estilístico, ou pouco informativo, e, logo, apenas enredador. Érik Neveu nos explica que, nos incipientes jornais franceses, os textos que traziam informações jornalísticas, em geral, artigos e crônicas que valorizavam a crítica, “(...) traduzem o peso do comentário, de um metadiscorso sobre a atualidade que privilegia a expressão das opiniões e transforma o acontecimento em pretexto para exercícios de estilo brilhantes e desenvoltos.” (NEVEU, Érik, 2001, p. 29). Esse traço é também essencial ao jornalismo, uma vez que estar a serviço do público, hoje, na era em que prevalece o raciocínio, o pensamento, a consciência, não é somente oferecer o registro de ocorrência de um fato, mas, do mesmo modo, aprofundar-se em seu significado, incitando o leitor a desenvolver o senso crítico e a capacidade de observar além da superfície de uma ocorrência, por meio de raciocínios inseparáveis do estilo e da liberdade dos gêneros opinativos e do jornalismo literário. Não menos legítimo que apurar as informações sobre o incêndio na boate *Kiss*, o que a maioria dos veículos brasileiros fez, com o mais ou menos empenho, é manter um olhar mais abrangente e questionador a respeito de tudo que envolveu a catástrofe e a sucedeu, lembrando-se sempre se inseri-la em seu contexto histórico e social, e, assim, inquietar o público, no sentido filosófico, quando se conseguir captar algumas nuances sociais, políticas ou comportamentais que o fato parece ofuscar. No caso, foi o que se interpretou como uma inconsciente insolência exercida sobre a tragédia do outro, motivada pelos recursos modernos de sociabilidade e autopromoção, o traço oculto sobre o qual era pertinente depositar parte da atenção. Vê-se, no seguinte trecho, cujo tópico tem como título “Filosofar para as mídias”, uma similaridade entre o *ethos* do chamado filósofo midiático e o dos cronistas e jornalistas literários, segundo o que se defende:

Nascido de uma cumplicidade entre uma forma de vanguarda filosófica em parte originária do gauchismo [esquerdismo?], de jornalistas intelectuais e expectativas difusas de um público jovem e escolarizado, esse sistema de interdependências se ilustra a partir de 1975 no sucesso das “novas filosofias”. Ele definiu bem cedo um verdadeiro perfil de posição do filósofo midiático: subordinação aos temas da moda, escrita brilhante sem esoterismo, reivindicação de um engajamento moral, denúncia superficial dos conformismos e dos academismos, representação dos estereótipos escolares do filósofo (*pathos, vibrato profético*). (PINTO, in *Actes*, 1994 apud NEVEU, Érik, 2001, p. 152)

Não se pode deixar de citar outro importante objetivo que motiva a criação do texto desse tipo: o abalo sofrido pelo jornalismo tradicional em sua credibilidade como fonte de inspiração crítica e irreverência de pensamento nos últimos tempos. Com o surgimento da internet e a facilidade de se tornar um emissor, diversos agentes sociais passaram a empreender atividades antes consideradas uma primazia das empresas jornalísticas e dos profissionais regulares que nelas atuam – e muitos obtiveram a aprovação e a confiança do público. O derradeiro exemplo dessa tendência foi o clima de desconfiança que se instaurou após junho de 2013. Neste período, um movimento amplo, diverso, repleto de reivindicações de várias naturezas tomou as ruas. No âmbito jornalístico, o maior protagonista do episódio foi, provavelmente, a organização conhecida como Mídia Ninja, formada por jovens ligados ao movimento Fora do Eixo, destinados a cobrir os acontecimentos que permeiam a política, a sociedade, a economia e o meio-ambiente, dando enfoque editorial à denúncia e ao testemunho analítico em prol da justiça social e da igualdade. Foi por esse grupo ou com inspiração nele que indivíduos desvencilhados do jornalismo registraram, por exemplo, cenas em que policiais danificavam a própria viatura para incriminar os manifestantes e hostilizavam grupos que protestavam pacificamente, com balas de borracha e gás lacrimogêneo. Todos esses registros se contrapuseram à cobertura até então dada pela grande mídia, que, em geral, propagou um discurso ordeiro sem legitimar o protesto dos civis. No artigo “Análise crítica do discurso de pronunciamentos da polícia militar durante manifestações populares” (Micheline Mattedi Tomazi e Joelson Rocha, 2013), os autores investigaram as estratégias e estruturas discursivas na produção de discursos tendenciosos empregados pela Polícia Militar no Espírito Santo, por intermédio de reportagens e entrevistas publicadas no jornal “A Gazeta”, em junho de 2013:

Especificamente, quanto ao texto escrito, o léxico explorado por esses representantes da segurança pública sugere uma tentativa de validar as ações da polícia e de desqualificar os manifestantes. Nas referências aos ativistas, percebe-se uma gradação negativa no transcorrer do tempo. Se, no início, Garcia utilizou a expressão *grupo radical* (A Gazeta, 18/06/2013 p. 4), dez dias depois, a referência feita pelo secretário a esse mesmo grupo se realizou por *bandidos infiltrados, baderneiros enfrentando o Estado, vândalos, pessoas armadas e pessoas perigosas* (A Gazeta, 28/06/2013 p. 10). Também o comandante-geral da Polícia Militar, na mesma edição, utilizou-se dos termos *vândalos* e *criminosos*. Essas referências são acompanhadas de outros elementos lexicais, que compõem uma representação negativa e estereotipada dos manifestantes, em expressões tais como: *prática de crimes, enfrentamento, assaltos, depredações e saques*, que acompanham tais descrições (A Gazeta, 28/06/2013, p. 10) (...)

Ao distanciar os revoltosos dos manifestantes comuns, cria-se uma categoria exclusiva sobre a qual a legitimidade da ação violenta da polícia pode ser mais facilmente absorvida pela opinião pública. (TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Joelson, 2013, p. 13)

Os pronunciamentos oficiais – isto é, o discurso sobre o qual se tem controle de produção – dos órgãos de segurança contraposto às entrevistas feitas com os manifestantes e transeuntes no afã do momento demonstram que o discurso controlador e ordeiro da corporação obteve, em grande parte, o respaldo da mídia, como expõe o mesmo artigo: “Esse aspecto das condições de produção determina, em boa medida, parte do conteúdo veiculado, já que às falas institucionais é oferecido tempo de elaboração, enquanto as falas populares são produzidas sob o efeito do acontecimento.” (TOMAZI, Micheline Mattedi; ROCHA, Joelson, 2013, p. 6). O resultado dessa postura adotada pela grande imprensa questionou e constrangeu, como se vê, até mesmo a função noticiadora dos veículos – o que se acredita ser o reduto da imparcialidade e do comprometimento com o serviço público acatados pelo jornalismo. É fácil deduzir, portanto, o quão abalada ficou a imagem da função crítica desempenhada pelo jornalismo tradicional e pelos jornalistas vinculados aos veículos já consagrados com essa demonstração reativa frente à contestação. Defende-se, assim, que a atuação do jornalista por meio dos gêneros que exploram o criticismo como salvo-conduto da autonomia de pensamento e promotor da reflexão, utilizando ou não um formato que enrede o público, restabelece sua credibilidade diante deste, uma vez que, por um instante, interrompe sua função meramente informativa para estimular o livre pensamento analítico na população.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O texto “Os fogos de Narciso – uma história acesa pelas brasas de Santa Maria” se caracteriza como uma crônica, que, conforme José Marcos de Melo e Francisco de Assis, é um subgênero do gênero opinativo, no jornalismo. Nesse campo, é uma forma de expressão não da empresa ou dos leitores, mas do jornalista/autor, que, reportando-nos a um acontecimento atual, propõe-se a compartilhar com o público uma impressão e raciocínio pessoais sobre os acontecimentos, as ideias e os “estados psicológicos pessoais e coletivos” (MELO e ASSIS, 2010).

Os traços dessa crônica – e a intenção do autor ao fazê-la – permitem dizer que se enquadra também na vertente do jornalismo literário, segundo Felipe Pena. Para o estudioso, o conceito de jornalismo literário extrapola a conquista árdua da irreverência de estilo dentro da redação e o exercício da veia literária numa reportagem:

Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lide', evitar os definidores primários' e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. (PENA, Felipe, 2007 , p. 6)

Por ambicionar a fruição de todas essas características e creditar-lhes, tacitamente, a promoção do senso crítico na atividade jornalística – “Os fogos de Narciso...” pode ser considerado um trabalho da categoria definida no artigo de Pena. A adoção do gênero e do estilo mencionados para transmitir a ideia do texto podem, por si só, ser considerada um método/estratégia, tendo em vista seu poder enredador e a dissonância que gera em meio à torrente de textos puramente noticiosos por se tratar de uma história narrada sem revelar, num primeiro momento, sua intenção, sua verdadeira mensagem.

Em aula, ao longo da disciplina Linguagem I, houve uma ampla preparação e treinamento em desenvolver o personagem numa narrativa, utilizando a descrição de suas características físicas e psicológicas inferida de seus diálogos, escolha lexical, gostos pessoais sugeridos e comportamento. Outra técnica discursiva empregada nessa narrativa foi a intertextualidade. O nome do protagonista, Narciso, faz referência ao também protagonista do “Mito de Narciso”, que se tornou praticamente uma metonímia para o conceito de narcisismo. A intertextualidade tem o papel de sugerir estilisticamente uma ideia e, ao mesmo tempo, resgatar algo já presente no repertório do leitor e, por isso, deter-lhe a atenção pela familiaridade.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

“Os fogos de Narciso – uma história acesa pelas brasas de Santa Maria” relata uma noite inusitada vivida pelo protagonista. Prestes a se deitar para dormir, o rapaz decide assistir um pouco mais de televisão e acaba vendo novamente as notícias sobre o incêndio em Santa Maria, que matou dezenas de jovens. Nesse momento, surge um invasor em sua casa, que o estimula a escrever e compartilhar um discurso emocional e lacônico com seus amigos, na *internet*.

A história serve para ilustrar o curto período que sucedeu a tragédia, nas redes sociais, em que uma avalanche de textos sintéticos, muito similares e de apelo emotivo inundou o ambiente virtual. Tendo em vista que vários desses escritos não chegariam aos mais prejudicados pela calamidade, que permaneceram vivos – isto é, aos sobreviventes, familiares e amigos das vítimas – inferiu-se que, na verdade, foram postados para serem vistos e admirados pelo círculo social do homenageador. O reflexo de Narciso, é, portanto,

a personificação de seu narcisismo, ávido pela contemplação de seus amigos, pela aprovação de seu gesto fraterno. Para construir esta personagem, utilizou-se uma série de atos e dísticos que conotassem arrogância e mordacidade (bater no sofá e gargalhar diante de uma declaração sensível de outrem; ridicularizar a vestimenta do protagonista; insultá-lo – “Narciso, seu idiota!”; utilizar a retórica e técnicas de persuasão que apelam para o lado emocional – “Eles precisam te ouvir.”). A Narciso, por outro lado, foram destinadas atitudes hesitantes e inseguras, para caracterizar um indivíduo fraco e influenciável que cede facilmente aos impulsos narcísicos ao se deparar com a compulsão individualista de seu meio.

A crônica foi escrita num único momento, de inspiração livre, envolvendo o que foi aprendido nos diversos exercícios literários pelos quais se aventurou o autor, em busca de autoaprimoramento na escrita, e, em especial, o que foi ensinado na disciplina Linguagem I, do primeiro semestre do curso de Jornalismo. Quando finalizada, foi lida e comentada pela professora responsável, Joseane Rücker, e pela professora Janine Lucht, de quem os conselhos foram cuidadosamente ouvidos para que se pudesse lapidar o texto de forma mais minuciosa.

6 CONSIDERAÇÕES

Com este artigo, desejou-se, além de defender e justificar o trabalho feito, expor a riqueza do gênero crônica e do jornalismo literário. Sem dúvida, são estilos e formatos que contribuem intensamente para valorizar o texto jornalístico e tornar o seu fazer um pouco menos instrumental e mais reflexivo – esforço que se torna mais necessário à medida que a “era da técnica” avança vigorosamente, cooptando todos os campos do saber de forma, nem sempre, benéfica.

É nítido o quão a realidade e os fatos que, dia a dia, servem-lhe de estofo se tornam mais instigantes, atraentes e encantadores quando o tom épico, o lirismo – mesmo comedido –, e os trejeitos narrativos da ficção os mediam para o homem. O desinteresse, na transmissão da notícia, corre o risco de tornar a realidade desinteressante – por mais que o fato “puro”, isento de valorações, seja necessário em muitos momentos. Um autor que expõe, no texto, seu fascínio e seu envolvimento com a história que narra incita o leitor a se aquiescer na mesma direção, conquista-lhe a atenção disputada por todas as vicissitudes da vida moderna e realça o valor e a importância do que está sendo contado. Arrisca-se dizer que ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos e proporcionar visões amplas da

realidade, dois dos sete sustentáculos do conceito de jornalismo literário formulado por Felipe Pena, tornar-se-ão, em breve, uma necessidade para o jornalista, tendo em vista a quantidade de distrações necessárias para se vencer e, assim, atrair a leitura do público. Isso já tem se refletido na publicidade, que, desde seu surgimento, precisou se provar digna de atenção; não é improvável acontecer o mesmo com jornalismo – o que, na verdade, já preocupa os veículos e profissionais precavidos.

Espera-se que “Os fogos de Narciso...” tenha feito jus à verve jornalística necessária a um bom texto do gênero escolhido, bem como à espora filosófica e questionadora pelas quais, no fim das contas, opta-se por escrever com esse estilo numa esfera, até então, voltada ao factual. Eis, em suma, a ideia matriz: mais que um intermediário da informação, o profissional de jornalismo pode ser um agente da reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

TRAQUINA, N. **Teorias do Jornalismo**: a tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Ed. Insular, 2008.

MORALES, O. E. T.; SOUZA, C. A.; ROCHA, P. M. **Mídias digitais e suas potencialidades nos tempos contemporâneos**: estudo de caso “Mídia Ninja”. Paraná: Ação Midiática N.6, 2013.

BAUMAN, Z. **A sociedade individualizada**: vidas contadas e histórias vividas. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2008.

ROSSI, C. **O que é jornalismo**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2007.

MELO, J.M.; ASSIS, F. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo. Ed: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

NEVEU, E. **Sociologia do Jornalismo**. São Paulo. Ed: Loyola, 2006.

TOMAZI, M. M.; ROCHA, J. **Análise crítica do discurso de pronunciamentos da polícia militar durante manifestações populares**. Brasília: Cadernos Associados de Sociedade e Linguagem, 2013.

PENA, F. **O jornalismo literário como gênero e conceito**. Rio de Janeiro: Contracampo, N. 17, 2007.